

AS MIL E UMA FACES DOS AMORES “ILÍCITOS”

Uelba Alexandre do Nascimento

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

uelba_ufcg@yahoo.com.br

*“Boneca de trapo, pedaço da vida
Que vive perdida no mundo a rolar
Farrapo de gente que inconsciente
Peca só por prazer, vive pra pecar.
Boneca eu te quero com todo pecado
Com todos os vícios, com tudo afinal.
Eu quero esse corpo que a plebe deseja
Embora ele seja prenúncio do mal
Boneca noturna que gosta da Lua
Que é fã das estrelas e adora o luar
Que sai pela noite e amanhece na rua
E há muito não sabe o que é luz solar
Boneca vadia de manha e artificios
Eu quero para mim seu amor porque
Aceito seus erros, pecados e vícios.
Porque na minha vida meu vício é você.”¹*

INTRODUÇÃO

Este texto tem por objetivo analisar as relações amorosas e as tensões entre as meretrizes e as autoridades policiais na década de 1940 na zona de meretrício na cidade de Campina Grande. A relação entre prostitutas e policiais militares era bastante complexa e quase sempre permeada pela barganha, algo comum nos locais de prostituição da cidade. Mas não era só isso, as prostitutas necessitavam de certa forma, da presença dos policiais na zona, mesmo que esta presença fosse quase sempre marcada por arbitrariedades. Portanto, a partir de alguns processos criminais, tentaremos desvendar um pouco desta relação entre as pessoas que viviam e trabalhavam na zona de meretrício, sejam elas “mariposas” e cafetinas com as autoridades policiais que, teoricamente, estavam ali para manter a ordem e preservar o “patrimônio moral” da cidade.

¹ “Meu Vício é Você” (1956), Nelson Gonçalves.

Com o início da Segunda Guerra Mundial em 1939 e o envolvimento do Brasil nela a partir de 1943, instalou-se em Campina Grande o 1º Grupo de Obuzes, uma unidade militar responsável pela guarnição da cidade nestes anos de guerra. Com isso, aumentou o número de militares circulando pelas ruas de Campina Grande e, conseqüentemente, o número de soldados que buscavam divertimento e sexo.

As ruas da Mandchúria, zona de prostituição da cidade, viviam sempre cheias, especialmente nos finais de semana, o que gerava grande lucro não só para os cabarés mais sofisticados como também para pequenos comerciantes e pensões alegres mais acessíveis aos populares.

E se aumentava o número de homens circulando, aumentavam também as disputas amorosas e, especialmente, a “autoridade” dos militares sobre os populares. O que os militares não conseguiam entender é que, circulando pelo meretrício com ou sem a farda, eram tratados como clientes em potencial assim como os outros: *“Um ponto óbvio é que as prostitutas prestavam seu serviço a policiais, que faziam parte do universo de homens jovens que caracterizava a cidade.”* (BRETAS: 1997, p. 199).

Um exemplo disso foi à agressão a Severino Virgínio feita pelo soldado do 30º Batalhão aquartelado na cidade, Irênio Correia.²

Passava das 24:00 horas do dia 26 de janeiro de 1945 quando o popular Severino Virgínio saía da Mandchúria acompanhado de Maria das Dores em direção ao bairro José Pinheiro. Ao passar pelo baldo do Açude Velho, próximo a Lagoa das Canárias, deparou-se com o soldado do exército Irênio e sua amante, Maria Balalaica, discutindo.

Irênio estava naquela noite bastante aborrecido com sua amásia, certamente por causa de algum cliente da mulher, e para fazer “pirraça”, bebia e farreava com mais três mulheres ao mesmo tempo. Por volta das 22:00 horas o soldado decide ir embora quando sua amásia chega dizendo que vai embora com ele, ao que Irênio respondeu que se ela o seguisse iria bater nela.

É justamente aí que, ao chegar no baldo do Açude Velho, o soldado tirou o cinto para espancar sua amásia, enquanto esta escondia-se por trás de José Flor Lopes que ia

² Ação criminal n° 2380, réu Irênio Correia, maço 22/01/1943 a 28/05/1843. O processo refere-se a 1945, portanto, está no maço errado.

com Irênio, “(...) o qual por cima do depoente, vibrou-lhe uma pancada com o cinto e ainda lhe deu um murro na face.”³ Maria Balalaica pede socorro ao popular Severino que ia passando por ali ao que este pede ao soldado que não a espanque mais. Irênio manda o paisano ir embora, o qual segue seu caminho. O soldado então se vira furioso para José Flor e sua amásia e arrotando valentia diz: “*agora ninguém fala, se não apanha é todo mundo*”.

Mas Irênio não ia deixar barato a intromissão daquele paisano na querela com sua amásia, porque como dizia o ditado popular “em briga de marido e mulher não se mete a colher”. Achando pouco o que havia feito com a amante que se encontrava ensangüentada, o soldado diz “*eu vou dar naquele filho da puta*” e segue atrás de Severino mandando que ele “*esbarrasse.*”⁴

Foi aí que Severino entrou em luta com o soldado Irênio, “(...) *recebendo logo uma lapada que o dito soldado lhe dera com o cinto que lhe atingiu por cima do olho esquerdo e em seguida uma tapa do mesmo lado; que o soldado atracou-se com o depoente e houve bofetes de ambas as partes tendo o soldado dado cabeçadas no depoente (...)*”⁵

Neste momento, chegaram para acabar com a luta diversas pessoas que por ali estavam demonstrando que o local era freqüentado por casais e também pelas rondas policiais, pois pouco tempo depois do ocorrido chegou ao local o Sargento Abrahão, do 31º Batalhão, e um soldado da polícia.

Neste episódio temos dois aspectos interessantes. O primeiro deles é que Irênio havia sido incorporado há pouco tempo no exército, pois sua profissão era barbeiro, como ele mesmo afirma no seu interrogatório perante o juiz Darci Medeiros.⁶

Aqui nós podemos ter a dimensão do quanto o poder da “farda” de policial atraía e dava “certos” poderes aos homens, supostamente dando-lhes o “direito” de espancar e cometer crimes ao seu bel prazer, afinal, era uma autoridade e autoridade merecia

³ Depoimento de José Flor Lopes, 41 anos, solteiro, marceneiro, residente no José Pinheiro, em 23/03/1945, no Fórum.

⁴ Na gíria da época esbarrar significava parar.

⁵ Depoimento de Severino Virgínio da Silva, 26 anos, casado, residente na Vila de Totaquasi, em 26/01/1945, na Delegacia.

⁶ Qualificação e interrogatório de Irênio Correia em 02/03/1945, no Fórum.

respeito. Essa noção de respeito que a farda impunha está diretamente ligada aos valores sociais instituídos na Era Vitoriana ⁷ na Inglaterra do século XIX e que foram assimilados pela polícia inglesa e, conseqüentemente, pela instituição policial brasileira:

“A escolha da carreira policial já implicava estar de acordo com um certo tipo de valores sociais, tradicionalmente associados à classe média emergente ou à busca de uma certa posição “respeitável” na sociedade. A noção de respeitabilidade está no cerne do debate sobre os valores sociais vitorianos, e deriva basicamente da adesão a esses mesmos valores. No Brasil, a respeitabilidade conferida por uma carreira policial – ou mesmo toda noção de respeitabilidade – deriva principalmente da pequena parcela de autoridade obtida; mesmo uma fração diminuta de poder na sociedade significa respeitabilidade.” (BRETAS: 1007, p.145)

Mas não era apenas o “poder” da farda que dava certa “autoridade” aos policiais e militares. Naquele contexto, por volta de 1945, em que se viviam os momentos finais da guerra e a proximidade da vitória dos Aliados, isto causava ainda mais euforia nos militares que se sentiam os “verdadeiros” heróis da guerra.

O segundo aspecto é justamente o conhecimento dos códigos do Exército pelo recém incorporado soldado. Em seu interrogatório perante o juiz ele afirma “*que procurou a delegacia de polícia para ver se amenizava o seu caso e o quartel do Batalhão não tomava conhecimento do caso, porém o delegado telefonou para lá e o acusado foi preso pela escolta de seu batalhão, onde passou oito dias preso e três detido.*” (grifo nosso)

Apesar de pouco tempo no Exército Irênio já conhecia alguns códigos e na tentativa de “amenizar sua situação”, ou seja, convencer o delegado a não contar nada para o capitão do 30° BC resolve se entregar para que o caso não chegasse ao conhecimento do quartel e ele saísse impune das agressões praticadas no popular Severino.

⁷ A Era Vitoriana (1837-1901) refere-se ao reinado da rainha Vitória na Inglaterra que foi marcado, entre outras coisas, pelo puritanismo moral. Sobre este período ver a obra de GAY, Peter. A Experiência Burguesa. Da Rainha Vitória a Freud. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

No entanto, ele parecia subestimar as rixas entre policiais militares e soldados do Exército e, apesar da sua insistência, não conseguiu impedir que o delegado José de Sousa Arruda telefonasse imediatamente para o capitão do 30º BC para serem tomadas as devidas providências.

Irênio foi condenado a 8 meses de detenção, pagar a taxa penitenciária de Cr\$ 20,00 e as custas do processo. No entanto, como era réu primário, o juiz concedeu-lhe o *sursis* e lhe impôs a liberdade condicional por três anos. Pela agressão o ex-soldado não pagou na cadeia, mas deve ter se sentido extremamente incomodado com as imposições do juiz Darci Medeiros, que dentre outras coisas, lhe proibiu de frequentar casas de tavolagem ou de bebidas e cabarés.⁸

Semelhante caso ocorreu com Antônio Pinheiro Guedes e sua amante Maria Helena Ferreira, na rua Manoel Pereira de Araújo, três dias depois da sentença proferida pelo juiz Darci Medeiros.

Era final de tarde na Mandchúria quando Antônio Pinheiro chegou à casa de pensão de Mme. Alice Falcão, uma das mais sofisticadas da rua, bem próxima ao Cassino Eldorado, nº 88. Maria Helena já não mais suportava relacionar-se com Antônio devido a sua agressividade e ciúmes excessivos, por isso pôs fim ao relacionamento havia alguns dias. Mas Antônio não se conformava com a situação e por diversas vezes tentou reatar o romance com Maria Helena.

Sentindo-se rejeitado, abandonado e humilhado por sua ex-amante, o “investigador da polícia” resolve partir para a violência: perturbado pela rejeição e pela falta do sexo da ex-amante, Antônio Pinheiro invade a pensão e dirige-se ao quintal da casa a fim de falar com a meretriz, chamando-a para ir ao quarto com ele. Maria Helena, mesmo com medo da reação de Antônio, nega-se mais uma vez.

Flechado pelo ciúme e pelo “sentimento de posse” da jovem “mariposa”, o “investigador policial” desfecha um golpe de cacete em Helena e agarra-lhe pelas “guelas” dando-lhe diversas pancadas e arrastando-a para dentro de casa. Neste momento chega à sala da casa Mme. Alice e Severina Alves para socorrê-la e tirar-lhe das garras de Antônio. A primeira recebe um murro e a segunda uma cadeirada.

⁸ Sentença do juiz em 04/06/1945.

O “investigador” parecia incontrolável. Helena, para Antônio, representava esse *doce veneno* que a todo instante ele tinha vontade de provar.

Naquele instante em que pegava a cadeira para agredir Severina Alves, Maria correu para tentar escapar da sanha de seu ex-amante, mas este ainda a alcança na calçada da pensão e reinicia a sessão de espancamento. Aos gritos de socorro acode Pedro Figueiredo que pega Antônio Pinheiro por trás e o sustenta. Neste momento chega um comparsa do “investigador” e manda Pedro soltar o “*homem porque ele tinha responsabilidade.*”⁹

Pedro, ouvindo as palavras daquele homem estranho, solta Antônio e este saca de uma peixeira e tenta golpeá-lo, ao que Pedro tenta defender-se e acaba por ferir a mão esquerda. A essa altura já havia muitas pessoas observando ao longe as agressões de Antônio Pinheiro, mas ninguém teve coragem de atravessar o seu caminho, até porque ele esbravejava palavrões e dizia para todos que “*podia aparecer qualquer um que se acabava com ele.*”¹⁰

Ainda ameaçando todos que ali estavam, Antônio quebrou os vidros do carro de Mme. Alice, os vidros da janela de sua pensão e furou as portas com sua faca. Em seguida, Arnaldo Bacalhau, o comparsa que estava esperando do lado de fora da pensão, botou o valentão para dentro do caminhão e foram embora do local deixando a zona em polvorosa.

Um aspecto interessante do processo é o fato de Antônio Pinheiro Guedes dizer que era investigador de polícia sem ser: na verdade ele era funcionário público municipal. Isso tem um significado bastante interessante porque ser investigador de polícia era um *status* e também dava “autoridade” ao indivíduo.

Desta forma era importante para um homem mostrar-se de forma diferente, ousada e até agressiva, caso fosse necessário, para manter a pose e o *status* na zona. Mas nunca esquecendo de respeitar os limites e os códigos do local, afinal, no

⁹ Depoimento de Pedro Figueiredo de Brito, 25 anos, solteiro, comerciante, natural de Caicó, RN, residente a Manoel Pereira de Araújo, nº 96, em 08/06/1945, na Delegacia. “Ter responsabilidade”, na gíria do meretrício, era uma pessoa que tinha algum cargo importante, ou muito dinheiro e devia ser respeitada.

¹⁰ Depoimento de Lecionel Ferreira, 32 anos, solteiro, operário, natural de Bananeiras, residente na rua Silva Jardim, nº 70, em 09/06/1945, na Delegacia.

meretrício, quase sempre quem causava distúrbios eram pessoas “de fora” e muitos que se diziam “mantenedores da ordem”.

Apesar dos problemas que a polícia muitas vezes causava no mundo da prostituição eles eram necessários lá, especialmente por causa da violência e da presença de grupos de desordeiros os mais diversos, e por isso mesmo todos necessitavam de encontrar um jeito de conviver: *“O convívio da polícia com a prostituição era tão íntimo – em muitos sentidos – e constante que não podia ser meramente repressivo. O relacionamento era muito mais complexo, e policiais e prostitutas tinham de encontrar formas de coexistência.”* (BRETAS: 1997, p. 199)

Assim, envolvido com este processo Antônio não parava de aprontar na zona, fazendo valer a sua fama de arruaceiro e “trancador de cabarés”: surrou um rapaz na frente do cinema Capitólio e provocou um distúrbio no Cassino Eldorado um dia antes de depor perante o juiz.

Por tudo isso, Antônio Pinheiro Guedes foi condenado a 18 meses de detenção na cadeia de João Pessoa, pagamento de Cr\$ 50,00 em selos penitenciários e Cr\$ 500,00 de fiança.¹¹

Foi movido pelo desejo de posse e pelo orgulho ferido que Antônio cometeu tantos desatinos na Mandchúria. Ele não foi o único, pois dois anos antes do seu caso amoroso com Maria Helena e seus desdobramentos, todos haviam ficado chocados com as barbaridades cometidas pelo soldado do Exército do 1º Grupo de Obuzes, Antônio Tomaz dos Santos, movido pelo desejo de ter a meretriz Rita Chaves Rodrigues.¹²

Sentindo-se investido de autoridade pelo peso que a farda lhe dava, o soldado promoveu um verdadeiro “fecha-fecha”, “rasga-rasga” e “corre-corre” na Manoel Pereira de Araújo às 5:00 horas da manhã do dia 21 de junho de 1943.

Rita Chaves, uma linda cearense de 25 anos, havia aportado em Campina Grande havia algum tempo e já se encontrava mais ou menos familiarizada com os códigos que regiam a zona. Naqueles anos de guerra e de intenso controle do Estado

¹¹ Pelo que o processo indica ele ficou mesmo preso porque quando alguém paga a fiança para ser solto o comprovante aparece em anexo no processo, o que não se verifica. Sentença do juiz Antonio Gabínio da Costa Machado em 13/02/1946.

¹² Ação penal nº 1615, réu Antonio Tomaz dos Santos, maço 08/04/1943 a 19/10/1943.

Novo, a frequência de soldados e policiais havia aumentado muito no “recanto chinês” (Mandchúria) da cidade.

Só que Rita não havia percebido que havia um soldado em especial que já lhe observava de longe. Era Antônio Tomaz, de 26 anos. Ele ainda não havia tido a oportunidade de aproximar-se dela, pois quase sempre estava acompanhada e, pelos códigos que regiam o meretrício, prostituta que estivesse acompanhada não deveria ser abordada porque “já pertencia” a outro, pelo menos momentaneamente. E mexer com mulher assim era sinônimo de confusão na certa.

Acompanhemos a trajetória feita por Antônio Tomaz na noite anterior ao crime a partir de sua própria narrativa:

“Que no dia vinte de junho saiu de casa onde discutira com sua mulher e contrariado com o que se passara, procurou esquecer o motivo da contrariedade; passara a noite do dia vinte fora de casa; fora a “Marinho” e voltando às 22:00 horas; ficou no bairro do “Santo Antônio” até às 2:00 horas de vinte e um; depois dirigiu-se para a zona do baixo meretrício, entrando no “Churrasco” para fazer um lanche (...)”¹³ (grifos nossos)

Note-se aqui a trajetória feita por Antônio naquela noite. Provavelmente aqueles bairros pelos quais passou eram locais em que poderiam estar acontecendo algum divertimento, pois naquela semana comemorava-se a proximidade da festa do São João e era bastante comum em alguns bairros intensificarem-se os forrós:

“Durante toda a década de 1950 ainda existiam muitos cabarés, sambas e forrós nas imediações do Centro da cidade e na região da Feira, mas aos poucos alguns bairros, que já tinham tradição de festejos populares, foram começando ganhar vida própria, criando mais alternativas de diversões populares.” (SOUZA: 2002, p. 397) (grifos nossos)

¹³ Depoimento de Antônio Tomaz dos Santos, 26 anos, solteiro, mas vive maritalmente com D. Cezarina Madeira dos Santos, praça de sete de abril de 1934, servindo atualmente no 1º Grupo de Obuzes, em 07/07/1943, no Quartel do 1º Grupo de Obuzes, na presença do Capitão Hermes Nunes. Paralelamente ao inquérito policial o acusado também passava por um inquérito no quartel, e foi justamente no quartel que ele deu mais informações sobre o caso, talvez por confiar mais no capitão Hermes do que no delegado Tiburtino Rabelo de Sá e no juiz Antônio Gabínio.

Acreditamos que, na década de 1940 e mesmo antes, muitos forrós e bailes aconteciam nos bairros porque encontramos referência a um número significativo de processos que nos indicam que as festividades de São João eram bastante comemoradas, em especial na “zona rural”. Daí o motivo das andanças de Antônio Tomaz por esses locais antes de chegar na Mandchúria. Continuando sua narrativa, o soldado do Exército narra o momento em que encontra Rita: “(...) *encontrara aí a mulher Rita com a qual ficou no Churrasco até as três horas e tanto tomando cerveja; à essa hora o dono do Churrasco disse ser hora de fechar.*”

Antônio ficara contente ao encontrar Rita sozinha. A hora havia chegado e ele não poderia desperdiçá-la, pois há tempos vinha “paquerando” com aquela morena cearense e nunca tinha chegado o momento certo de “convidá-la” a passar a noite com ele.

Rita é convidada a beber com Antônio e outros rapazes que estavam com ele no Churrasco. Para ela, aqueles indivíduos lhe eram desconhecidos, mas não estranhos. Tinha a impressão de já ter visto todos na zona por isso aceitou o convite “(...) *bebendo uns quatro dedos de Vermuth; entre os desconhecidos o indiciado lhe perguntou “se estava só”; respondeu que não e que não podia ficar com ninguém porque estava doente (...)*”¹⁴ (grifos nossos)

Antônio não podia acreditar no que acabara de ouvir. Rita negava-se a passar a noite com ele. Negava-se por “vontade própria” e não porque estava com alguém, pois havia chegado ao Churrasco sozinha, e, além disso, dá a desculpa que todas as mulheres da zona davam quando não queriam transar com um homem: dizer que estava “doente”. O soldado sabia que era mentira porque se ela estava doente como dizia, porque então aceitou beber? E mais, porque estava ali àquela hora da madrugada? Lugar de doente não era em casa? Não, ele não poderia aceitar tal desculpa. Logo ele que já vinha a tanto tempo ardendo de desejo por aquele corpo moreno. Não, ele não poderia aceitar, ainda

¹⁴ Depoimento de Rita Chaves Rodrigues, 25 anos, casada, prostituta, residente a rua Manoel Pereira de Araújo, n° 74, em 08/07/1945, no Quartel do 1° Grupo de Obuzes. Também é depondo no quartel que Rita dá mais informações sobre o caso.

mais porque seus companheiros de farra “tiravam sarro” da sua cara por ele ter sido rejeitado por uma meretriz.

Rita, ao recusar-se a passar a noite com Antônio não fazia idéia do que iria lhe acontecer naquele fim de noite, se soubesse, possivelmente teria aceitado prontamente. Mas não, preferiu ir para casa. Entrou na casa de Pensão na rua Manoel Pereira de Araújo e dirigiu-se para seu dormitório que ficava no quintal da casa.¹⁵ Como tudo estava tranqüilo, apenas encostou a porta do seu quarto. Despiu-se, ficando apenas de combinação.

Neste ínterim, Antônio já estava dentro da pensão, pois havia seguido Rita, e chegando em frente ao seu quarto começa a tirar a roupa, ficando apenas de “culote verde” portando uma faca em punho. Entra no quarto da meretriz e lhe pergunta: “*o que quer você?*”. Assustada Rita manda-lhe sair do quarto e este se lança sobre ela querendo violentá-la. Rita resiste, mas não consegue impedir a fúria contida e reprimida até então em Antônio: este lhe golpeia várias vezes pelo corpo, mas nenhuma gravemente. A meretriz começa a gritar por socorro, acordando os vizinhos e as pensionistas que estavam dormindo.

Num movimento brusco Izaura Gomes de Sousa, amiga de Rita, levanta-se e vai até seu dormitório e “*verificou que a mesma se achava coberta de sangue e um soldado do exército ainda lhe espancando.*”¹⁶

Izaura pede ao soldado para não fazer mais aquilo e, virando-se para ela, Antônio dá-lhe um murro no braço que a faz cair no chão e ao levantar-se falou para o soldado: “*ainda há justiça nessa terra, vou dar parte*”. Ao ouvir estas palavras o soldado

“(…) correu em sua perseguição até que alcançou-a nos fundos de uma casa vizinha, tendo aí, dado-lhe uma queda formidável e em seguida dera-lhe uma pesada na cabeça que o sangue jorrou, continuando a bater-lhe na

¹⁵ Rita morava, juntamente com outras meretrizes, em quartinhos de aluguel localizado no quintal das casas de pensão na zona de meretrício. Essa era uma forma da dona da pensão ganhar mais dinheiro com o aluguel desses pequenos quartos que muitas vezes eram feitos de taipa.

¹⁶ Depoimento de Izaura Gomes de Sousa, solteira, 27 anos, prostituta, residente a Manoel Pereira de Araújo, n° 74, em 21/06/1943, na Delegacia.

cabeça com pedaços de tijolos apanhados no quintal; que o soldado depois de vê-la semi-morta, disse: “vou agora acabar de matar a outra” em seguida ainda lançou mão de uma grande pedra que apanhou no mesmo quintal jogando-a sobre sua cabeça; que a declarante, para evitar que fosse novamente apedrejada pelo referido soldado, não deu mais um gemido, ficando deitada sobre o solo como se estivesse morta.”¹⁷

Perceba-se a agressividade utilizada pelo soldado do Exército movido pelo desejo incontrolável de ter aquela mulher. Além de tentar estuprá-la ainda agride barbaramente sua amiga. Possivelmente estava “colocando pra fora” os impulsos sexuais, violentos, que estava reprimindo desde o momento em que se encantou pela beleza e pelo corpo de Rita Chaves.

Ao sair do quintal em direção a ao dormitório de Rita, percebeu que duas mulheres o observavam da porta de seus quintais e esbravejou para elas: “*entre para dentro e faça de conta que não viu nada*” e “*você vai dar parte de mim?*”¹⁸, como responderam que não ele verificou se Izaura ainda estava viva e foi embora. Ao voltar para o quarto não encontrou Rita que havia corrido quase nua em direção à cidade quando este foi agredir Izaura. A esta altura, quase toda rua já estava acordada com os barulhos provocados naquele início de manhã. Antônio foi preso logo em seguida pela polícia local e remetido ao quartel do 1º Grupo de Obuzes, no qual foi submetido a processo interno.

Mesmo depois de todas essas barbaridades cometidas, o soldado não foi expulso do Exército. Permaneceu detido no quartel enquanto foi julgado e condenado pela justiça comum. Mas como era comum acontecer, foi sursiado, ficando impune. O interessante é que ao mesmo tempo em que respondia a este processo, também respondia por outro crime cometido em Recife. E mesmo assim o juiz lhe concede a suspensão da pena¹⁹ por quatro anos, mas sujeitando-lhe a liberdade condicional nos

¹⁷ Idem.

¹⁸ Depoimentos de Severina Ferreira, 21 anos, e Maria Rodrigues Silva, de 24 anos, moradoras da Manoel Pereira de Araújo, nº 116, em 22/06/1943, na Delegacia, respectivamente.

¹⁹ Antônio Tomaz dos Santos foi condenado a 20 meses de prisão, selo penitenciário de Cr\$ 20,00, fiança de Cr\$ 500,00 a ser cumprida na prisão de João Pessoa. Sentença dada pelo juiz Antônio Gabínio em 31/01/1944 e a suspensão da pena em 08/05/1944.

seguintes termos: a) não usar bebidas alcoólicas; b) não andar armado a não ser em serviço militar ou com ordem de seus superiores; c) não frequentar o bairro do meretrício depois das 12:00 horas da noite; d) pagar a multa em selo penitenciário.

Talvez Antônio tenha se arrependido, talvez não. Mas com certeza iria ficar na sua lembrança o dia em que a mulher que ele tanto desejava lhe rejeitou. Nem pagando, nem utilizando de sua força física e mesmo até do “poder” que sua farda emanava não conseguira ter o objeto de seu ardente desejo. Quem sabe se, nas noites enluaradas do céu de Campina, muitos anos depois, Antônio não recordaria daquela música de Nelson Gonçalves: *“Boneca de trapo, pedaço da vida/ Que vive perdida no mundo a rolar/ Farrapo de gente que inconsciente/ Peca só por prazer, vive pra pecar./ Boneca eu te quero com todo pecado/ Com todos os vícios, com tudo afinal./ Eu quero esse corpo que a plebe deseja/ Embora ele seja prenúncio do mal.”*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRETAS, Marcos Luis. **A Ordem na Cidade: O Exercício Cotidiano da Autoridade Policial no Rio de Janeiro 1907-1930**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

CAVALCANTI, Silêde Leila Oliveira. **Mulheres Modernas, Mulheres Tuteladas: o Discurso Jurídico e a Moralização dos Costumes – Campina Grande 1930-1950**. Dissertação de Mestrado em História, UFPE, Recife, Março de 2000.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano – Artes de Fazer**. Petrópolis: Vozes, 5ª. Edição, vol.1, 2000.

_____. **A Invenção do Cotidiano – Morar, Cozinhar**. Petrópolis: Vozes, vol.2, 1996.

CIPRIANO, Maria do Socorro. **A Adultera no Território da Infidelidade: Paraíba nas Décadas de 20 e 30 do Séc. XX.** Dissertação de Mestrado em História, UNICAMP, Campinas, 2002.

ESTEVES, Martha de Abreu. **Meninas Perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Èpoque.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

ENGEL, Magali. **Meretrizes e Doutores.** São Paulo: Brasiliense, 1989.

FREITAS, Renan Springer de. **Bordel, Bordéis: Negociando Identidades.** Petrópolis: Vozes, 1985.

RAGO, Margareth. **Os Prazeres da Noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930).** São Paulo: Paz e Terra, 1991.

_____. **Do Cabaré ao Lar – A Utopia da Cidade Disciplinar (1890-1930).** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

ROBERTS, Nickie. **As Prostitutas na História.** Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Tempos, 1998.

SILVA, Alômia Abrantes da. **As Escritas Femininas e os Femininos Inscritos: Imagens de Mulheres na Imprensa Parahybana nos Anos 20.** Dissertação de Mestrado em História, UFPE, Recife, 2000.

SILVA, Keila Queiroz e. **Entre as Normas e os Desejos: as mutações do feminino e do masculino em 50, 60 e 70 na Paraíba.** Mestrado em História, UFPE, Recife, 1999.

SOUSA, Antonio Clarindo Barbosa de. **Lazeres Permitidos, Prazeres Proibidos: sociedade, cultura e lazer em Campina Grande (1945-1965).** Tese de Doutorado em História, UFPE, Recife, 2002.

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

SOUSA, Fábio G. R. Bezerra de. **Cartografias e Imagens da Cidade: Campina Grande 1920-1945**. Tese de Doutorado em História Social, UNICAMP, Campinas, 2001.